

**HISTÓRIA E LITERATURA:
PERSPECTIVAS INTERDISCIPLINARES
NO CONTEXTO DISCIPLINAR**

Cristina da conceição Silva (UNIGRANRIO/Cândido Mendes)
cristinavento24@yahoo.com.br

José Geraldo da Rocha (UNIGRANRIO)
rochageraldo@hotmail.com

RESUMO

O artigo em pauta visa discutir a relação da disciplina história com a literatura, de forma que ambas evidenciem aspectos interdisciplinares, neste contexto traremos a tona um período em que só eram aceitos como fontes históricas documentos como: decretos, atas públicas, relatórios e correspondências diplomáticas. Abordaremos também sobre o movimento francês de renovação histórica tradicional, bem como o marco da revista dos *Annales* que buscou expandir os horizontes da historiografia. Versaremos ainda sobre a visão contemporânea acerca da disciplina história, suas mudanças e inovações ao decorrer dos séculos. Ademais, finalizaremos o artigo abordando acerca de aspectos que descrevem a afinidade entre história e literatura, e suas vertentes contemporâneas que abarcam discursos distintos que ambicionam representar os conhecimentos dos homens no tempo.

Palavras-chave: História. Literatura. História cultural

1. Introdução

O presente artigo busca descrever a relação entre história e literatura, a partir da perspectiva da narração em que a história nos seus primórdios se posicionava como uma disciplina de verdade absoluta. Neste contexto os autores Fábio Luiz Arruda (2013), Gabriela de Lima Grecco (2014) e Patrícia Martins Alves do Prado (2012) vão abordar feitos que versam sobre a influência da *História dos Annales* acerca de novas interpretações e leituras dos fatos históricos. Além de evidenciarem os olhares que se tinham frente à disciplina de história, e seus documentos comprobatórios dos adventos que envolvem a história do homem no universo.

Traremos em evidência, às novas formações de historiadores que abriram um novo leque na disciplina de forma eleva lá aos estudos culturais, fato que leva a disciplina a dialogar com a cultura e outras ciências como: literatura, a linguística, a sociologia, a antropologia e a psicologia. Além de descrevermos os movimentos historiográficos, conhecidos como a nova história e a história cultural, e suas particularidades no sentido

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

da nova forma de escrita da história, que tornou se mais acessível ao leitor, uma vez que o historiador deu mais atenção e cuidado na capacidade estilística e na elaboração do texto.

Ao final do artigo discutiremos as possibilidades interdisciplinariades, entre a história e a literatura através de discursos distintos, em que ambas podem representar os conhecimentos do homem no tempo e no espaço, de forma a esclarecer o presente, inventar o passado e imaginar o futuro.

2. *Diálogo entre história e literatura*

Fábio Luiz Arruda (2013) identifica que ao passar dos séculos ocorreram alterações entre a literatura e a história, sobre as quais a primeira está pautada na narração do que poderia ter acontecido, enquanto a segunda narra o que de fato ocorreu no passado.

Nas discussões contemporâneas, sobre o tema, percebem-se mudanças e inovações no decorrer dos séculos uma vez que a história vai de encontro com novas perspectivas.

Fábio Luiz Arruda (2013) identifica que no século XIX a disciplina história era institucionalizada, e que tal aspiração neste momento se apresentava de forma assombrosamente acentuada na verdade absoluta. Nesse momento, entusiasmada pelos movimentos da época, especialmente pelo positivismo, a história se almeja “dona” da verdade, mediante artifícios tomados de empréstimo das ciências da natureza. Porém, no século XX e início o século XXI, observa-se alterações ponderáveis a respeito dessa ambição e, por conseguinte, na maneira como o historiador narra a História. O autor observa que no século XIX, a história ambicionava representar o passado como uma verdade irrestrita e objetiva, fundamentada no historicismo e no positivismo. Assim sendo, o julgamento da história verdadeira era inquestionável, pelo menos era essa a pretensão que, diga-se de passagem, nunca se viu concretizada. No entanto, François Simiand e Emile Durkheim profetizaram uma primeira mudança, que foi materializada pela conhecida Escola dos Annales. Espaço esse que fez uma concisa apresentação sobre o desenvolvimento do trabalho histórico que influenciou em consideráveis mudanças no período em pauta. (ARRUDA, 2013)

Vale reforçar novamente que, mesmo tendo tantas semelhanças entre história e literatura, uma não deve ser confundida com a outra, pois cada uma tem

um ponto de especificidade. A história jamais poderá recuperar um passado intacto, ao passo que suas parciais respostas aos problemas investigados se apresentam como uma hipótese do que aconteceu. (ARRUDA, 2013, p. 83)

O autor ainda relata que com relação ao escritor literário, nota-se o aumento das probabilidades narrativas, que admitem as mais alteradas formas de representar o mundo, que muda segundo as expectativas de cada época. É autêntico, observar que, assim como a história muda sua forma de edificar o passado, a literatura também modifica sua forma de representar o mundo e que, em ambas, essas modificações pesam de maneira expressiva em suas narrativas.

3. História cultural como representação humana

Segundo Gabriela de Lima Grecco (2014), é fato que desde as derradeiras décadas do século XIX, quando a história se tornou disciplina acadêmica, o emprego da expressão fonte estava baseado na ideia de que os documentos empregados pelo historiador deveriam ser oficiais (como atas públicas, relatórios, correspondência diplomática, decretos, entre outros). Este ponto de inflexão na disciplina da história se deu com a réplica do historiador alemão Leopoldo Von Rankel ao determinar o famoso *wiees eigentlich*, ou seja, o retrçado dos fatos, como eles aconteceram. Dentro desta miragem, a autora observa que os textos literários, bem como outras fontes artísticas, não eram considerados documentos fidedignos para comprovar a verdade histórica. Aplica-se, assim, à disciplina da história como ciência, e a literatura como ficção. A literatura necessitaria estar vinculada com o imaginário e o admissível, enquanto história com o concreto e o real, ou seja, com um passado restaurado perfeitamente e de forma autêntica, sem espaço para a imaginação ou a subjetividade do historiador. (GRECCO, 2014)

Identifica Gabriela de Lima Grecco (2014) que no ano de 1920 nasce na França, um movimento de renovação historiográfica, conduzido pelos professores da Universidade de Estrasburgo, Marc Bloch e Lucien Febvre, que almejou expandir o repertório das fontes históricas. A revista que criam, *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, em 1929, assinou-se pela análise da historiografia tradicional e, por conseguinte, ao comando da historiografia político-factual. Logo, Bloch e Febvre investiram seus esforços no sentido de arquitetar uma história que fosse mais ampliada, a qual abarcaria todas as atividades humanas, abrangendo outras áreas como a literatura, a linguística, a sociologia, a antropologia e a

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

psicologia. Tal artifício foi um impulso admirável à interdisciplinaridade na disciplina da história. Descreve a autora que a criação da revista *Annales*, em 1929, foi um marco no que se refere à procura para se expandir os horizontes da historiografia. Mediante a esse argumento, a história se assentou sob uma nova estratégia: abriu espaço a novos objetos e territórios de pesquisa sugeridos nas ciências humanas. Assim, no período que compreende os anos de 1960 a 1980, as novas gêneses de historiadores expandiram o leque concernente aos objetos e aos enfoques da disciplina, influenciados pela elevação dos estudos culturais. Neste contexto, novas temáticas brotaram, por exemplo, os estudos de crenças, rituais, memória, sensibilidades, lutas simbólicas, entre outros, os quais afluíram no retorno da proposta inicial dos *Annales*. Gabriela de Lima Grecco (2014) ensina que,

Desta forma, destacam-se os movimentos historiográficos conhecidos como a Nova História e a História Cultural – cada um com suas particularidades, mas que esboçam continuidades existentes. Tais correntes inovaram o conceito de documento, promovendo revisões na forma da escrita da história e, mais do que isso, transformou o livro de história em mercadoria mais acessível, exigindo-se do historiador atenção e cuidado na elaboração do texto e capacidade estilística. (GRECCO, 2014, p. 41)

Nesta conjuntura, a autora relata que a história cultural vai conferir o estudo das formas de representação do mundo no seio de grupos humanos. Este juízo é chave para o aumento do diálogo entre várias disciplinas, redimensionando as relações entre história e literatura. A literatura adquire um novo papel dentro da disciplina da história, como de expressiva fonte de análise das diferentes visões de mundo que o homem proporcionou em cada tempo e espaço.

4. Literatura como fonte histórica

Segundo Patrícia Martins Alves do Prado (2012) a afinidade entre história e literatura é uma das vertentes contemporâneas da história cultural; a história e a literatura são discursos distintos que ambicionam representar os conhecimentos dos homens no tempo, assim: as duas são formas de esclarecer o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. Ambas são formas de representar ansiedades e questões que movimentam os homens em cada época de sua história, e, neste conceito, possuem um público destinatário e leitor.

Neste sentido, vislumbramos a interdisciplinaridade como possibilidade de enriquecimento tanto no ensino da disciplina História como no desenvol-

vimento da historiografia, tendo em vista que toda produção cultural possui sua historicidade, sendo construída num tempo e espaço. Além disso, é inegável a existência de uma estética da recepção, isto é, a forma como cada indivíduo lê e interpreta, recebe, apropria-se dos significados oferecidos nos textos históricos, literários, sociológicos, antropológicos, geográficos e a partir dessas inúmeras interpretações remoldura sua forma de representar a sua própria realidade, assim subsidiado pelo mundo simbólico ofertado em textos e imagens; os indivíduos constroem novas aprendizagens e ressignificam a própria existência. (PRADO, 2012, p. 01)

Assim sendo, a autora identifica que estudiosos do discurso literário também raciocinam junto com a história, à medida que lançam em suas obras ficcionais mensagens acerca de um dado advento histórico. Os historiadores, por sua vez, têm um compromisso com os fatos que interpreta, e esses produzem possibilidades de conhecimentos através da representação narrativa acerca de fatos do passado. Descreve Patrícia Martins Alves do Prado (2012) que a literatura é a narrativa de modo remoto, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca e fala do mundo de forma indireta, simbólica e peculiar. Por vezes, a conexão de sentido que o texto literário apresenta é o suporte imperativo para que o historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas alcance enxergar aquilo que ainda não viu.

No entanto, é a partir das investigações que o historiador faz mediante um conhecimento precedente do contexto histórico, é que se torna aceitável essa relação frutífera entre as disciplinas, e assim é possível que ele se debruce sobre a literatura como fonte de aquisição de informações.

5. Considerações finais

Considerando que a história se apresentou como detentora da verdade sobre o desenvolvimento humano, quicá do universo, observou que a história e suas correntes com o passar do tempo buscaram informações em outras fontes das ciências. Desta forma o ganho que a disciplina teve foi imensurável, uma vez que o dialogo com outras disciplinas, somaram e trouxeram mais informações para o leitor das narrativas históricas. Neste contexto, o dialogo da disciplina história com a literatura é de um enriquecimento significativo, uma vez que o texto literário, pode muitas vezes amparar o contexto histórico de um dado período ou advento de uma sociedade.

Este modelo de história contemporânea faz da disciplina um instrumento de conhecimento cultural, que veem na atualidade auxiliando

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

questões que movem os homens para informações em cada época da história da humanidade.

Neste sentido o diálogo entre a história e a literatura é um ganho para os leitores de escritos que narram momentos e fatos não vivenciados pelo homem contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Fábio Luiz. *Duas formas de narrar: a representação histórica e literária*. *Fronteiras: Revista de História*, Dourados, vol. 15, n. 26, p.95-108, 2013. Disponível em:

<http://ojs.ws.ufgd.edu.br/index.php?journal=FRONTEIRAS&page=article&op=view&path%5B%5D=2685&path%5B%5D=1871>.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, Belo Horizonte, vol. 6, n. 11, p. 39-53, jul. 2014. Disponível em:

<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/viewFile/201/195>.

PRADO, Patrícia Martins Alves do. História e literatura: um diálogo possível. *Territorial: Caderno Eletrônico de Textos*, Goiás (GO): UEG, vol. 2, n. 2, jan./jun.2012. Disponível em:

<http://www.cadernoterritorial.com/news/historia-e-literatura-um-dialogo-possivel-patricia-martins-alves-do-prado>.